

Lago vermelho: retrato de uma sociedade agonizante

Red lake: portrait of an agonizing society

Durante a programação do Festival Internacional VIVADANÇA - 2012, foi apresentado, nos dias 18 e 19 de abril, no Teatro Vila Velha, o espetáculo *Swan Lake* (*Lago dos Cisnes*), dirigido pelo coreógrafo e dançarino israelense Idan Cohen (1978-), conhecido internacionalmente por seus trabalhos instigantes que trazem novas reflexões sobre a dança.

Em agosto de 2010, ele estreou, em seu país, a coreografia *Brazil*, uma visão coreográfica pessoal sobre suas impressões, a cerca da cultura corporal e rítmica brasileira, levantando a polêmica questão: “O que se passa em nossa cabeça quando pensamos no Brasil?” Entre suas obras de relevo, vale citar *Mad Sirem e My Sweet Little Fur*. Na sua segunda visita ao Brasil, destacou-se na programação do festival com um espetáculo pleno de rupturas com o clássico *Lago dos Cisnes* de Tchaikovski, que foi além do esperado. A coreografia *Swan Lake* convidou o público para um local estranho, desconfortável, o lugar do incômodo. Os ouvidos do público, solicitados pela música tocada muito alta, sofriam. Talvez, não pelo volume, mas por estarem distante da música clássica, gênero, raramente, presente no cotidiano de Salvador, cidade na qual predomina o universo rítmico da música popular. A plateia, em crescente afundamento, encolhia-se na cadeira, à proporção que o espetáculo evoluía e sempre que entravam cisnes pesados e ruidosos na cena. O gênero farsesco escolhido para interpretação deu lugar ao distanciamento total com a forma clássica. Tratava-se de cisnes não brancos e diáfanos, mas cisnes tipo “patinho feio”, que não elevavam o espectador ao mundo dos sonhos e sim o aterravam com imagens representativas de uma realidade, as quais, metaforicamente, traduziam algumas facetas sociais do tempo atual.

Logo na chegada ao teatro, o espectador se deparou com doze refletores no chão, em fileira, indicando a direção para cima. Foco no teto? Algum cisne iria voar? Que nada! Primeiro, foi tocada a música de Tchaikovski sozinha, poderosa, ocupando toda a sala durante a cena de abertura, com o objetivo de sugerir a atmosfera do lago. A música falava por si só. Ao longo desse tempo, ouvindo a música, a atenção do público voltou-se mais ainda para os tomates espalhados perto dos refletores. Em seguida, a dança começou sonoramente, executada por três dançarinas com figurino preto. Uma, após a outra, realizava movimentos fortes e precisos de uma quarta posição no chão. De repente,

Carmen Paternostro

Encenadora e Professora, doutora da Escola de Dança da UFBA.
E-mail: paternostro@gmail.com

entraram arrastando uma perna num *ruond de jamb pás terre* – ao invés de *au Lair*¹ –, fazendo ruído. Um arrastar e um cair tão propositalmente pesado e anticisne clássico, que apontavam para os espectadores, logo de início, a necessidade da travessia de outro lago: àquele imaginado por Idan Cohen – um antilago dos cisnes.

O espetáculo, criado em 2009, foi elaborado com o propósito de desconstruir a versão romântica de *Swan Lake*, que há séculos encanta o público da dança clássica. Em conversa exclusiva com os alunos de Estudos Críticos e Analíticos do III semestre da Escola de Dança da UFBA, após o espetáculo, Idan Cohen explicou sua intenção de criar sombras sobre a interpretação do clássico. Segundo o dançarino israelita, a proposta foi sair do conto de fadas e inventar uma obra que falasse da sociedade contemporânea, repleta de tensões e problemas, onde não existe muita coisa linda e nada é romântico; ao contrário, há muita opressão nas relações entre os indivíduos. Para isso, o coreógrafo desenhou, principalmente, no chão uma dança com seres desequilibrados, quase neuróticos e um tanto perversos. A segunda parte do espetáculo foi permeada de cenas compostas de arabesques entrecortados de quedas de troncos, mexendo o diafragma como sanfona, com movimentos curtos de um soluço interminável. Assim, os cisnes foram morrendo, num lago vermelho de tomates amassados pelo corpo das dançarinas. Idan Cohen e sua companhia, pensando nas vaias e na possibilidade do público atirar coisas sobre os dançarinos, elaborou a ideia dos tomates vermelhos representarem o lago. O tomate, símbolo de aparente solidez, num toque se derretia em água.

Decidido a mostrar que a beleza clássica do *Swan Lake* não faz mais sentido na sociedade contemporânea, o coreógrafo investiu com fantasia numa desmontagem da beleza falsa, da harmonia de corpos sincronizados e do equilíbrio perfeito. Ele explorou diferentes maneiras de perder o controle e mostrou o corpo descontrolado. Exauriu de diversas formas a dificuldade do corpo em permanecer em equilíbrio nos movimentos. Demonstrou com veemência através de brincadeiras estúpidas – a exemplo da cena do aniversário do príncipe (na primeira parte), na qual todos os elementos são *over* – como tudo entre as pessoas pode ser bruto. As dançarinas riam de uma forma exagerada, denunciando as relações do riso, muitas vezes, num sorriso alto e vazio. A história que atribui ao cisne negro a maldade e ao branco a bondade também foi distorcida. As figuras eram “clownescas”. Na primeira parte, essas figuras jocosas encontraram eco em algumas pessoas não acostumadas com a proposta sofisticada de Idan Cohen. Aos poucos, também, os risonhos e ruidosos do público entraram

1 Roda das pernas no chão e roda de pernas no ar.

no jogo proposto pelo dançarino israelita, que considera que não há mais espaço para uma interpretação romântica do Lago dos Cisnes. No âmbito da dança, essa temática é muito apreciada pelos coreógrafos, como é o caso da dançarina alemã Suzanne Linke que, em 1989, se ocupou do assunto quando criou a coreografia *Balé de Mulheres: não podemos ser cisne para sempre*, com o Folkwang Studio da cidade de Essem. Esta, também, foi mais uma tentativa de borrar os ecos românticos da montagem original.

Idan Cohen tentando mostrar as diferentes facetas de sua identidade com o clássico criou um estilo de dança próprio para explorar a monumental peça de Tchaikovsky. Vale destacar, ainda, os soluços corporais que acompanhavam a música, transformando-se em sequências de movimento no chão, predominantes no espetáculo. Uma delas fazia com que as pernas impulsionassem respostas das outras partes do corpo como cabeça, ombros e braços com movimentos curtos. Era quase como se o corpo tivesse tomado um choque que fizesse estremecer as outras partes. Convulsões corporais foram vistas com frequência. Talvez uma batida de asas dos cisnes de Cohen? Ou uma forma de preencher sua proposta de fazer um retrato agonizante da sociedade contemporânea. Os corpos bem treinados das dançarinas foram solicitados com frequência para desafiar a gravidade, porém não na posição vertical, mas na inclinada, com vários *battement* de pernas sagitalmente realizados. Eles pareciam estar voando rente ao chão.

Swan Lake é um espetáculo que exige bastante do espectador. A ideia do coreógrafo de rejeitar a forma romântica dos personagens do conto e revelar o comportamento caótico e desorientado da atualidade relaciona-se com o pensamento de Boaventura Souza Santos (2009), à medida que este menciona a existência de excessos de determinismos e de indeterminismos que causam uma desestabilização das expectativas. De acordo com o autor, atualmente, vive-se numa sociedade intervalar e paradigmática. E os cisnes desorientados de Idan Cohem traduziam essa passagem de uma nova era: a do “desassossego”, termo utilizado por Boaventura para referir o assunto. Esta coreografia foi, sem dúvida, um dos melhores trabalhos apresentados no festival, sobretudo no que diz respeito à interpretação madura das dançarinas e à tradução dada a uma obra clássica com muita liberdade e humor.

Ficha Técnica:

Coreografia: Swan Lake

Coreógrafo: Idan Cohem

Dançarinos: Cia. de Dança Dalfi Altabed

Música: Lago dos Cisnes de Pyotr Ilyich Tchaikovsky

Cenário/figurinos: Criação coletiva

Data de estreia: Junho de 2009

Apresentação em Salvador: dias 18 e 19 de abril de 2012, Teatro Vila Velha,
Festival Viva Dança – 2012.

Referências

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2009.